

Diário de bordo

Impactos da pesquisa

Roberto Rodrigues*

MAIS UMA vez o País comemora os números da balança comercial do agronegócio 2006. Nessa *performance* destaca-se a pesquisa e da experimentação agrônômica. Colhemos o fruto dos investimentos realizados em décadas passadas. Uma estratégia que não se pode perder de vista quando olhamos para o futuro. Hoje temos a melhor tecnologia tropical do planeta, e somos competitivos em diversas cadeias, em grande parte devido aos trabalhos realizados em pesquisa, desenvolvimento e inovação. Na soja começamos forte desde o início, há 40 anos, com variedades produtivas e resistentes às pragas e doenças. A cultura é o exemplo da disseminação de tecnologia no campo, da conquista do cerrado, do plantio direto e da integração lavoura e pecuária. No algodão tivemos uma verdadeira remodelagem no processo produtivo.

Os avanços tecnológicos deram ao produtor condições para melhorar sua renda e oferecer melhor produto para o consumidor em preço e qualidade. Somente a Embrapa gerou um excedente de R\$ 12 bilhões nos últimos quinze anos. A relação custo benefício foi de 1:13. Cada real aplicado deu um retorno de R\$ 13.

As organizações públicas de pesquisa passam por importantes mudanças. Além do impacto econômico dos seus trabalhos, apareceram também os ambientais e sociais. Foram analisadas 31 tecnologias produzidas pela Embrapa. Do ponto de vista ambiental, a avaliação negativa em 13 decorreu do uso inadequado de energia, em 9 do uso de insumos e em 8 pela biodiversidade. Na parte social, surgiram 206 mil empregos.



Infelizmente, a relação entre o orçamento da Embrapa e o PIB da agropecuária tem ficado abaixo do nível julgado apropriado, correspondente a 1%. Nos países de agronegócio pujante como o brasileiro, a pesquisa pública é muito forte. No caso da pesquisa privada, existe financiamento do governo e renúncia fiscal. A experiência mostra que nos países com muito investimento em pesquisa pública, a pesquisa privada é mais produtiva. De um modo geral, a taxa de retorno é elevada.

Relação entre o orçamento da Embrapa e o PIB agropecuário

1975 a 1982	Cresceu de 0,4 para 1,2
1982 a 1985	Caiu para 0,7
1985 a 1990	Estável em 0,75
1990 a 1992	Cresceu para 1,0
1992 a 2003	Caiu para 0,4

Fonte: EMBRAPA

Todo esforço vem no sentido de promover o desenvolvimento científico e tecnológico da agropecuária. Bem-vinda foi a Lei de Inovação, de dezembro de 2004, que autoriza a União e suas entidades autorizadas a participar minoritariamente do capital de empresa privada de propósito específico. Tecnologia é um processo dinâmico. Se não investirmos nisso, perderemos muito depressa a liderança mundial em agropecuária tropical. Também é fundamental agilizar os processos de pesquisa, sobretudo em biotecnologia, que depende de mudanças na CTNBIO. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócios da FGV, presidente do Conselho de Agronegócios da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Gestão de gastos

Cesário Ramalho da Silva*

MUITO SE tem dito sobre a retomada da agricultura em 2007. Se a conjuntura está boa, o produtor, a cada dia, aprimora a gestão da sua atividade, com estratégias para maior eficiência operacional e melhor negociação na compra de insumos e equipamentos e na venda de produtos. Exemplos são os *pools* para compra de insumos e as operações no mercado futuro.

Entretanto, existe a parte do governo federal, especialmente, com relação ao destino dos recursos orçamentários. Os principais limitadores da competitividade agrícola estão fora do controle do setor, embora tenham relação direta com seu desempenho, como taxa de juros, câmbio e tributação.

Por sua vez, a infra-estrutura, a logística, a defesa sanitária e a pesquisa rural estão em situação aquém do satisfatório. Um direcionamento de verbas públicas distribuídas com mais cuidado e adequadas para essas áreas fortaleceria a competitividade e diminuiria as vulnerabilidades da agricultura.

Os investimentos governamentais em infra-estrutura somam apenas 0,15% do PIB, enquanto países como China e Índia investem de 3% a 4% na área. Os recursos aplicados na defesa sanitária tiveram corte médio anual de 12% entre 2000 e 2005. O orçamento da Embrapa diminuiu de R\$ 1,4 bilhão para R\$ 1 bilhão de 1996 a 2005.

Levantamento a partir de dados do Sistema de Acompanhamento de Gastos Federais (Siafi), mostram que o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) contou com R\$ 3,6 bilhões em 2006, ante R\$ 828 milhões destinados ao



Opinião

Otimismo e desafios

João Sampaio*



Ministério da Agricultura. Estaria isso correto ou errado?

O setor produtivo rural é favorável a políticas de inserção nas cadeias produtivas agrícolas, desde que haja acompanhamento dos gastos e se meça o retorno do dinheiro aplicado.

Vento a favor

- **Clima favorável nos principais pólos agrícolas;**
- **Recuperação dos preços dos grãos;**
- **Conjuntura positiva para café, citros e cana-de-açúcar;**
- **Fim de embargos relacionados às carnes;**
- **Taxa de câmbio estável entre plantio e colheita**

Ao cortar recursos de pilares básicos da agricultura, atrasar na liberação de verbas para auxiliar na comercialização e sem compreender a falta de condições para o agricultor produzir e saldar suas dívidas, o governo coloca o setor em segundo plano. Os fatos corroboram a tese. A febre aftosa voltou, os problemas de escoamento agravaram-se e a pesquisa paralisou-se. Para piorar, os mercados fecharam-se, o frete aumentou e o fantasma da estagnação tecnológica apareceu. É imperativa uma revisão no planejamento de gastos do governo, com prioridade nos recursos para o seguro rural. É uma política que beneficia a agricultura como um todo e gera oportunidade, renda e desenvolvimento para o País. ■

ESTE É o meu primeiro artigo escrito para a **Agroanalysis** desde que aceitei o desafio do governador José Serra e assumi o cargo de secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em 1º de janeiro último. Passo de proponente e crítico de políticas públicas agrícolas ao posto de executor. Tenho a certeza de contar com os parceiros, aceito as sugestões e procurarei as soluções para os problemas da agricultura.

O cenário do agronegócio em 2007 é otimista. As previsões são de boa safra de grãos, com estimativa entre 118 a 120 milhões de toneladas. Os preços das principais *commodities* exportadas pelo Brasil estão em recuperação, como a soja e o milho. Poderemos ocupar o espaço deixado pelos norte-americanos, incapazes de suprir o mercado mundial e a demanda interna de produção de etanol a partir de milho.

Apesar de São Paulo não ser um grande produtor de cereais e oleaginosas, há aspectos favoráveis. Contamos com uma infraestrutura superior a de outros estados. Isso melhora a competitividade nos grãos.

Primeiro lugar no *ranking* da produção paulista, o quadro internacional e a demanda de etanol no mundo desenharam um cenário favorável para a cana.

Nas carnes, mesmo sem registrar foco de febre aftosa há 10 anos, São Paulo sofreu embargo de mercados importadores, com o surgimento da doença em Mato Grosso do Sul e no Paraná no final de 2005. Acreditamos no fim do bloqueio. Na avicultura e suinocultura, garantimos a sanidade plantéis, livres de doença de Newcastle e o mal de Awjesky, respectivamente.

Quanto ao endividamento rural, a lucratividade nas próximas duas safras poderá quitá-lo. Os casos dos produtores de Mato Grosso e Goiás são mais preocupantes. Lá o comprometimento é maior e os débitos devem ser saldados até 2011.

O papel da Secretaria de Agricultura é garantir a sanidade, qualidade e competitividade dos produtos paulistas. Trabalharemos com o menor risco sanitário possível mediante a modernização e a informatização dos nossos 14 corredores sanitários. Apostaremos no selo de qualidade, com certificação de origem, diferenciado e de maior valor agregado.

Focaremos as vocações regionais agrícolas. Faremos trabalho intenso de assistência técnica, transferência e de adaptação de tecnologia. Fomentaremos a diversificação das explorações agropecuárias, principalmente em regiões como o Pontal do Paranapanema, o sudoeste paulista e o Vale do Ribeira.

A Secretaria possui 27 Câmaras Setoriais atuantes e colaboradoras. São foros de discussão entre os elos da cadeia produtiva para encontrar soluções. Um apoio necessário para melhorar a tomada de decisão.

Resolver os problemas da agricultura requer muito trabalho e fé na capacidade competitiva do produtor rural. No dia-a-dia, combinar otimismo com boas e modernas práticas de gestão. O agricultor – como eu – acredita na semente plantada para produzir grãos, na ajuda de São Pedro e no preço compensador, para ter recursos e semear a próxima safra. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

* Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira